

## **DISCURSO DO PROFESSOR E PROBLEMATIZAÇÃO DA PRÁTICA DOCENTE: ARGUMENTAÇÃO, INTERDISCURSO E REPRESENTAÇÃO**

*Lucineudo Machado Irineu<sup>a</sup>*

*Maria Margarete Fernandes de Sousa<sup>b</sup>*

*José Olavo da Silva Garantizado Júnior<sup>c</sup>*

### RESUMO

Este trabalho analisa o discurso do professor e a problematização da prática laboral docente em seus momentos de crise na história do Brasil, com base no arcabouço teórico-metodológico da Análise do Discurso Crítica (doravante ADC), a partir dos pressupostos de Fairclough (2008).

PALAVRAS-CHAVE: discurso; prática docente; argumentação.

Recebido em: 18/11/17

Aprovado em: 02/02/18

---

<sup>a</sup> Pós-doutor em Linguística pela Universidade Federal do Ceará. Professor e Pesquisador do Curso de Letras-Espanhol e do Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada da Universidade Estadual do Ceará. Lidera o Grupo de Pesquisa em Análise de Discurso Crítica: representações, ideologias e letramentos (UECE/CNPq).

<sup>b</sup> Doutora em Linguística pela Universidade Federal de Pernambuco. Professora do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Ceará. Líder do Grupo de Pesquisa Gêneros: Estudos Teóricos e Metodológicos (UFC/CNPq).

<sup>c</sup> Doutor em Linguística pela Universidade Federal do Ceará. Professor do Curso de Letras da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira. Líder do Grupo de pesquisa Texto, Discurso e Ensino (UNILAB/CNPq).

## Introdução

Os problemas advindos da contemporaneidade nos mais diversos setores da vida em sociedade já se tornaram uma realidade de discussão entre sociólogos, antropólogos e educadores de todo o mundo. De fato, as mudanças nas relações sociais provocadas pelo que hoje entendemos como “modernidade tardia” (MAGALHÃES, 2010) impulsionaram a emergência de questões sociais que são problematizadas, a todo instante, nas práticas discursivas cotidianas, como as veiculadas na mídia jornalística, mais especificamente nos sites de notícias.

Neste contexto, dados de 2011 divulgados pela Organização Todos pela Educação,<sup>1</sup> através de pesquisa realizada pelo Ministério da Educação<sup>2</sup> do Brasil, revelam que as desigualdades educacionais são uma realidade brasileira constatada estatisticamente. Basta que se reflita sobre os números de pesquisas realizadas em 2012, cujos resultados apontam para o preocupante atraso dos estudantes no término da Educação Básica. Referidos dados destacam que, enquanto no Sul, 37,9% dos alunos enfrentam dificuldades das mais diversas ordens para a conclusão do Ensino Fundamental, no Nordeste esse número sobe para 71,4%, o que representa uma diferença de 33,5 pontos percentuais entre as regiões mencionadas.

Neste contexto de desigualdades sociais, a realidade de um estado nordestino nos chama a atenção de modo especial, o Rio Grande do Norte (doravante RN), no qual a taxa de analfabetismo chegou a 18,5%, no biênio 2010-2011, entre as crianças na faixa etária de 15 anos. Trata-se de uma das maiores médias na história da educação básica potiguar, segundo informações igualmente divulgadas pela Organização Todos pela Educação,<sup>3</sup> com base em pesquisas realizadas, entre os anos de 2008 e 2011, pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

Resultado do exposto descaso das autoridades públicas com relação à educação básica potiguar foi uma das mais extensas greves deflagradas pelos professores da rede pública de ensino no ano de 2011, momento em que veio à tona,

---

<sup>1</sup> <http://www.todospelaeducacao.org.br>. Acesso em: 13.05.2012

<sup>2</sup> <http://portal.mec.gov.br/index.php>. Acesso em: 13.05.2012

<sup>3</sup> <http://www.todospelaeducacao.org.br/educacao-no-brasil/numeros-do-brasil/dados-por-estado/rio-grande-do-norte>. Acesso em: 13.05.2012

com repercussão em diversos *sites* de notícias, como o *G1.com* e o *Globo.com*, e em sites de redes sociais em todo o país, como o *Facebook* e o *Twitter*, o pronunciamento da professora Amanda Gurgel, na Assembleia Legislativa do RN.

Por ocasião de audiência pública sobre o cenário da educação potiguar com autoridades locais, em destaque a Secretária de Educação do Estado, Amanda Gurgel, natural de Natal, professora efetiva da rede estadual de ensino, proferiu um discurso marcado por um tom político de engajamento que, dias depois, registrou milhares de acessos à plataforma virtual de conteúdo audiovisual *Youtube*.<sup>4</sup> Após sua participação na referida audiência, a docente esteve em diversos veículos de comunicação a nível local e nacional para expor o descaso dos políticos com a educação básica potiguar.<sup>5</sup>

Tomando o referido pronunciamento como um evento sociodiscursivo, sua repercussão na mídia digital e os textos deles resultantes como objetos de análise e partindo do pressuposto de que “a crise periódica da educação se converteu em um problema político de primeira grandeza” (ARENDR, 1957, p. 32), notadamente no Nordeste brasileiro, neste trabalho, analisamos o discurso do professor ao problematizar a prática laboral docente e sua repercussão na mídia digital, mais especificamente nos sites de agências de notícias *O Globo*<sup>6</sup> e *G1.com*.<sup>7</sup>

Para tal, baseamo-nos na proposta de análise tridimensional do discurso de Fairclough (2008, p. 89), que consiste em reunir a análise de discurso orientada “linguisticamente e o pensamento social e político relevante para o discurso e a linguagem, na forma de um quadro teórico que será adequado para uso na pesquisa científica social”, em um método compreendido como Análise do Discurso Textualmente Orientada (MAGALHÃES, 2010), na integração das análises textual, discursiva e social de eventos sociodiscursivos.

Entendendo o pronunciamento da professora Amanda Gurgel como um evento sociodiscursivo, com repercussão nacional, de grande relevância na história da luta da classe docente brasileira, e reconhecendo a Análise do Discurso

---

<sup>4</sup> <http://www.youtube.com/watch?v=yFkt0O7lceA>. Acesso em: 10.05.2012

<sup>5</sup> A docente concedeu entrevista a diversos veículos, tais como o RNTV, da Rede Globo, o Jornal da Record News, da Rede Record, entre muitos outros, como se pode constatar em busca no Youtube.

<sup>6</sup> <http://oglobo.globo.com/educacao/professora-amanada-gurgel-do-rn-fala-sobre-situacao-critica-da-educacao-vira-heroina-nas-redes-sociais-2789150>. Acesso em: 14.05.2012

Crítica como uma área de investigação das práticas de linguagem em relação à conjuntura social, examinamos neste trabalho:

(i) o discurso argumentativo de que se vale a docente em seu pronunciamento como reação ao discurso político vigente, que tenta banalizar a crise na educação brasileira ao longo da história (análise textual);

(ii) as relações interdiscursivas estabelecidas no pronunciamento em questão, a partir da proeminência dos discursos histórico, religioso e acadêmico, entre outros, como forma de legitimação do discurso docente (análise discursiva);

(iii) as representações construídas pelos veículos de comunicação de massa da mídia digital sobre a docente Amanda Gurgel, após divulgação do pronunciamento no *Youtube*, com fins notadamente ideológicos marcados pela reprodução de estereótipos sociais.

Tal como proposto pela ADC, os procedimentos teórico-metodológicos adotados neste trabalho retomam, em perspectiva interdisciplinar, os postulados de Perelman & Tyteca (1996), Mosca (2005) e Menezes (2011 sobre Argumentação, Bakhtin (1993), Costa (2011) e Magalhães (2010) sobre Interdiscursividade, e van Dijk (2010) e van Leeuwen (2008) sobre Representação de Atores Sociais, entre outros. Para fins de organização dos dados e dos resultados, optamos por seguir com os debates teórico e analítico conjuntamente, começando pelas estratégias argumentativas, seguindo pelas relações interdiscursivas e finalizando com as representações sociais.

Por todo o traçado, este trabalho se apresenta como uma análise das questões textuais, discursivas e sociais imbricadas na conjuntura política brasileira, especificamente no que diz respeito à educação básica de nosso país, por nós compreendida como uma das mais importantes dimensões da sociedade. Trata-se, por assim dizer, de uma tomada de posição crítica nossa, enquanto pesquisadores da linguagem, na tentativa de contribuir para o debate sobre as formas ilegítimas de reprodução assimétrica de poder entre as diferentes classes sociais.

## **Argumentação no discurso docente de Amanda Gurgel: reação ao discurso político**

Os estudos sobre Argumentação, principalmente os que seguem a orientação teórica de Perelman e Tyteca (1996), têm sido amplamente revisitados

em pesquisas linguísticas, em destaque no âmbito das investigações em torno ao discurso enquanto fonte de geração de sentidos, dentre eles a persuasão. Neste contexto, as mais diversas esferas de produção discursiva têm sido problematizadas, levando-se em conta as estratégias das quais se valem os enunciadores na produção do discurso argumentativo.

A esse respeito, o *Tratado da Argumentação* (PERELMAN; TYTECA, 1996), proposto no século XX, toma como base a Nova Retórica. Consiste o referido *Tratado* de uma descrição das técnicas (ou esquemas) argumentativas de que se valem os sujeitos quando do processo enunciativo de persuasão, em situações reais de interação. Em síntese, trata-se de um conjunto de estratégias de caráter argumentativo que, a nosso ver, são reveladoras do engajamento dos sujeitos no ato de argumentar.

Levando em conta a premissa de que a argumentação se encontra como elemento basilar em algumas instâncias comunicativas, tais como os discursos proferidos em público, concordamos com Mosca (2005, p. 97) ao afirmar que “o discurso jurídico dos tribunais e o das tribunas políticas são os que mais mobilizam os recursos previstos pelas possibilidades do sistema retórico”. Ao tratar de “sistema retórico”, Mosca (2005) refere-se ao sistema de técnicas argumentativas que, em funcionamento, caracterizam o discurso argumentativo em uma perspectiva situada.

Ao nos debruçarmos sobre o pronunciamento da professora Amanda Gurgel, observamos uma diversidade de estratégias argumentativas de que se vale a docente no projeto de contestação do discurso político de banalização da crise na educação pública. No referido pronunciamento, mapeamos esquemas argumentativos que se caracterizam por processo de ligação de noções (PERELMAN; TYTECA, 1996), a saber: argumentos quase-lógicos, argumentos baseados na estrutura do real e argumentos que fundam a estrutura do real.<sup>7</sup>

---

<sup>7</sup> Centramo-nos basicamente na terceira parte do *Tratado*. Os três primeiros capítulos desta parte versam sobre os esquemas argumentativos de ligação (quase-lógicos, baseados na estrutura do real e que fundam a estrutura do real), que analisamos no pronunciamento da docente Amanda Gurgel. O quarto capítulo, por sua vez, trata dos esquemas de dissociação (o par aparência-realidade e os pares filosóficos). Por fim, o quinto capítulo trata da relação entre argumentos e formas de interação. A

Os argumentos quase-lógicos caracterizam-se por sua “aparência demonstrativa”, ou seja, por terem sua força persuasiva advinda da “proximidade que mantêm com os modelos de raciocínios formais, lógicos ou matemáticos” (MENEZES, 2011, p. 121). Nos dados analisados, há a ocorrência dos seguintes argumentos quase-lógicos: (1) argumentação pelo ridículo, (2) argumentação pelo recurso às relações recíprocas, (3) argumentação pela inclusão da parte no todo, (4) argumentação pela comparação e (5) argumentação pelo sacrifício.

Já os argumentos baseados na estrutura do real se caracterizam por apresentarem “opiniões quanto ao que se considera real” (MENEZES, 2011, p. 122), ou seja, partem de uma base opinativa no mais das vezes fundada na ideia de senso comum. Nos dados, registramos a ocorrência dos seguintes argumentos enquadrados neste tipo: (1) argumentação pela ênfase nos fins e nos meios, (2) argumentação pelo recurso ao argumento de autoridade, (3) argumentação pelo recurso à interação entre orador e discurso e (4) argumentação pelo recurso à ligação simbólica.

Por sua vez, os argumentos que fundam a estrutura do real caracterizam-se “pela presença de argumentos que recorrem a caso particular”, recorrendo a dois tipos básicos de fundamentos, pelo caso particular e por analogia (MENEZES, 2011, p. 124). Nos dados, registramos ocorrência de: (1) argumentação pelo recurso ao exemplo, (2) argumentação pelo recurso ao modelo e ao antimodelo, (3) argumentação pelo recurso ao Ser perfeito como modelo e (4) argumentação pelo recurso à metáfora.

Para fins de sistematização, apresentaremos o quadro a seguir, em que destacamos nossos comentários analíticos acerca das estratégias argumentativas, definidas por Perelman & Tyteca (1996), presentes no pronunciamento da docente. Em conjunto, essas estratégias revelam o engajamento sociopolítico que caracteriza o discurso argumentativo da docente em oposição às formas simbólicas (BOURDIEU, 2007) de banalização da crise educacional brasileira sustentada pelo discurso político.

---

respeito de todas as estratégias mencionadas, sugerimos consulta a esquema proposto por Menezes (2011, p. 72).

Quadro 1 – Discurso de Amanda Gurgel (A. G.) e técnicas argumentativas

<b>ARGUMENTOS QUASE-LÓGICOS</b>		
<b>TÉCNICAS ARGUMENTATIVAS</b>	<b>ARGUMENTOS DA DOCENTE (TRECHOS)</b>	<b>COMENTÁRIOS ANALÍTICOS</b>
Argumentação pelo ridículo. Consiste em partir, com ironia, de vestígios de uma tese oposta à tese que se quer defender para por em evidência incompatibilidades entre ambas.	“Eu gostaria também de apresentar um número pra iniciar a minha fala. Que é um número composto por três algarismos apenas, bem diferente dos outros números que são apresentados aqui, com tantos algarismos, que é o número do meu salário, né? Um nove, um três e um zero, meu salário base, 930 reais”.	Neste construto argumentativo em que se faz presente a ironia (MENEZES, 2011), a professora Amanda Gurgel faz referência a seu salário-base, um valor irrisório e vergonhoso para um profissional da educação (do ponto de vista do bom senso). Por este argumento, tenta-se expor ao ridículo o grupo de políticos do RN, responsáveis por gerir a educação do Estado.
Argumentação pelo recurso às relações recíprocas. Consiste em aproximar, por correspondência, situações aparentemente distintas.	“Então eu quero pedir à Secretária, em primeiro lugar, paciência também, porque nós não aguentamos mais esse discurso, não aguentamos!”.	Neste momento de seu discurso, a docente evoca relações simétricas de poder (BORDIEU, 1997) entre ela e a Secretária de Educação do RN, para tentar minimizar, discursivamente, o “abismo” funcional que a separa dos políticos presentes à mesa, dirigindo-se à Secretária diretamente, solicitando-lhe “paciência”.

<p>Argumentação pela inclusão da parte no todo. Consiste em tratar, por igual, cada uma das partes que compõem um todo.</p>	<p>“A minha necessidade de alimentação é imediata, a minha necessidade de transporte é imediata, a necessidade de Jéssica de ter uma educação de qualidade é imediata, certo?”.</p>	<p>Jéssica, ao que tudo indica uma das alunas de Amanda Gurgel, é tomada como objeto de discurso pela docente para, em metonímia (MENEZES, 2011), representar todos os alunos afetados pela crise na educação no país, caracterizando a inclusão da parte, no caso Jéssica, no todo, no caso o grupo de alunos do RN.</p>
<p>Argumentação pela comparação. Consiste em por em relação, para fins de avaliação, dois ou mais elementos a serem apreciados e/ou depreciados.</p>	<p>“Em nenhum governo, em nenhum momento que nós tivemos no nosso Estado, na nossa cidade, no nosso país, a educação foi uma prioridade”.</p>	<p>O governo de agora, contra o qual se projeta o discurso da professora Amanda, é comparado a governos anteriores para evidenciar a história de atraso da educação brasileira, como destaca Arendt (1957). Trata-se de um argumento exposto para evidenciar a histórica banalização da crise educacional brasileira.</p>

<p>Argumentação pelo sacrifício. Consiste em, por comparação, alegar um sacrifício a se sujeitar para a obtenção de determinado resultado.</p>	<p>“A minha fala não poderia partir de um ponto diferente desse, porque só quem está em sala de aula, só quem está pegando três ônibus por dia pra poder chegar ao seu local de trabalho, ônibus precário inclusive, é que pode falar com propriedade sobre isso”.</p>	<p>A desgastante rotina do trabalho do docente (péssimas condições de transporte, por exemplo) é levantada no discurso da professora para, pelo recurso ao sacrifício, mostrar as dificuldades encontradas pelos professores do RN na execução de seu trabalho diariamente. Alega-se um sacrifício (as condições de trabalho) para a obtenção de um resultado (a autoridade para problematizar a prática docente).</p>
--	--	--

O quadro 1 mostra as diversas técnicas argumentativas de que se vale a docente para, em um discurso persuasivo, tentar silenciar a voz das autoridades locais que tentam, a todo curso, naturalizar o descaso com a educação em nosso país. A esse respeito, Arendt (1957, p. 52) afirma que “o papel desempenhado pela educação em todas as utopias políticas, desde a Antiguidade até os nossos dias, mostra bem como pode parecer natural querer começar um mundo novo com pessoas novas”, o que explica o alcance e a repercussão dos argumentos da professora Amanda Gurgel, quando proferidos na Assembleia Legislativa do RN.

Quadro 2 - Discurso de Amanda Gurgel (A. G.) e técnicas argumentativas

ARGUMENTOS QUE FUNDAM A ESTRUTURA DO REAL		
TÉCNICAS ARGUMENTATIVAS	ARGUMENTOS DA DOCENTE (TRECHOS)	COMENTÁRIOS ANALÍTICOS
Argumentação pelo recurso ao exemplo. Consiste em recorrer a exemplos para fundamentar afirmações, regras e/ou generalizações.	“A Secretária disse ainda que nós não podemos ter, é, ser imediatistas, ver apenas a condição imediata, ‘precisamos pensar a longo prazo’, mas a minha necessidade de alimentação é imediata, a minha necessidade de transporte é imediata”.	Ao se contrapor à fala da Secretária de Educação do RN, que pede paciência aos professores, Amanda Gurgel toma suas necessidades básicas (alimentação e transporte) como exemplo para ilustrar as necessidades de toda a classe docente no que se refere a itens e serviços básicos a todo ser humano.
Argumentação pelo recurso ao modelo e ao antimodelo. Consiste em estabelecer exemplos de ações a serem ou não seguidas, ou seja, em estabelecer modelos e/ou antimodelos.	“Porque é isso, é assim que os professores multiplicam os 930. 930 de manhã, 930 à tarde, 930 à noite, pra poder sobreviver... Então, a nossa realidade, o cenário da educação no Rio Grande do Norte hoje é esse”.	A docente parte da premissa de que é impossível se pensar em uma educação de qualidade com os professores trabalhando durante três expedientes em sala de aula. Para argumentar a esse respeito, Amanda Gurgel evidencia o modelo de educação do RN que, pelos baixos salários que paga, obriga que os docentes trabalhem para além de suas cargas-horárias normais. O modelo do Estado do RN é tomado como antimodelo de uma educação que se pretende como de qualidade.

<p>Argumentação pelo recurso ao Ser perfeito como modelo. Consiste em recorrer a um modelo como exemplo que não possibilite contestação de sua perfeição.</p>	<p>“Salas de aulas superlotadas, com os alunos entrando a cada momento com uma carteira na cabeça, porque não tem carteiras nas salas. Sou eu a redentora do país? Não posso, não tenho condições. Muito menos com o salário que eu recebo! Tá certo?”.</p>	<p>Na medida em que, simbolicamente, trata da ideia da personagem “redentora”, a salvadora da pátria, a docente argumenta em direção ao conceito de um Ser perfeito, previsto pelas autoridades e pela sociedade de um modo geral, Ser esse com o qual a docente se nega a parecer, dadas as péssimas condições de trabalho às quais ela, a professora, é submetida, sendo tais condições uma realidade distante da perfeição.</p>
<p>Argumentação pelo recurso à metáfora. Consiste em estabelecer uma analogia figurada, no plano da conotação, para ilustrar algum ponto que se deseja evidenciar na tese defendida.</p>	<p>“Qualquer consideração que seja feita aqui é apenas para mascarar uma verdade, que é uma verdade visível a todo mundo”.</p>	<p>O conceito de verdade a ser mascarada, em forma de metáfora, é evocado pela docente com o objetivo de persuadir seu auditório sobre a decadente situação da educação no Estado do RN, como algo escondido pelos políticos para que assim se chegue à banalização da educação pública ao longo da história. Trata-se, como destaca Menezes (2011), do estabelecimento de aproximações entre realidades do ponto de vista figurado (verdade/realidade, máscara, neste caso).</p>

Fonte: elaboração nossa.

No quadro 2, as estratégias mencionadas estão expressas no pronunciamento em análise na medida em que são apropriadas pela docente no discurso para se opor a um cenário de descaso que marca a educação pública brasileira. Revelam, por assim dizer, um engajamento do sujeito na linguagem por meio da persuasão, com o objetivo maior de problematizar a educação brasileira como aquilo que deveria ter sido e não foi, dados os baixos investimentos dos políticos na área. Todas essas estratégias, no fundamento do discurso docente, estabelecem relação com outras práticas discursivas, no plano da Interdiscursividade. Sobre estas relações, no plano da análise discursiva proposta no modelo tridimensional de Fairclough (2008), versaremos a seguir.

### **Interdiscursividade: múltiplos discursos em defesa da tese de Amanda Gurgel**

Claro está, quando se pensa na linguagem em termos bakhtinianos, que postular a existência de um discurso pressupõe a relação deste com outros discursos (BAKHTIN, 1993). Desse modo, sabe-se que é impossível pensar em uma prática discursiva que, do ponto de vista histórico e social, tenha se constituído independente, considerando os mais diversos discursos que circulam na sociedade, por meio das múltiplas esferas da atividade humana, em práticas também múltiplas.

Neste contexto, ao nos reportamos ao termo “interdiscursividade”, referimo-nos a um fenômeno de linguagem que se fundamenta na concepção de alteridade, ou seja, nas relações pelas quais, pela linguagem, interagimos com o outro, em termos sociodiscursivos. Estamos tratando de um fenômeno que deve ser tomado para reflexão em termos de sua natureza constitutiva nas práticas discursivas (já que, como dissemos, é impossível pensar em discurso independente de outros discursos). Segundo Costa (2011, p. 35), a interdiscursividade consiste na “convocação de, ou no ‘dar a ouvir’, vozes exteriores ao fio discursivo, ou seja, ao que foi efetivamente dito”.

Enquanto fenômeno de linguagem, a interdiscursividade ancora-se no quadro teórico proposto por Mikhail Bakhtin no que diz respeito à concepção de linguagem como um fenômeno eminentemente dialógico e interativo (BAKHTIN, 1993). Em consonância com essa concepção, compreendemos

o signo como uma instituição ideológica, pois de forte inclinação para o social no que diz respeito ao modo como é influenciado pelo contexto social e histórico em que emerge nas práticas de linguagem cotidianas, uma vez que todo signo/enunciado é marcado profundamente pelo contexto social do qual emerge (COSTA, 2011).

É o princípio constitutivo da linguagem que revela a noção de polifonia, tão cara aos estudos linguísticos. Tratamos de polifonia como uma espécie de “orquestração” (proposital) de vozes na voz do enunciatador em dado evento discursivo (COSTA, 2011), o que reforça a tese de que o discurso é sempre heterogêneo, constituindo-se em uma resposta a outros discursos, de outros sujeitos e/ou instituições, passados (remissão) ou futuros (antecipação).

Assim, ao caracterizar a linguagem como uma atividade humana constitutivamente heterogênea, interativa e social, Bakhtin (1993) abriu espaço para a discussão das relações entre as mais diversas práticas discursivas. O interdiscurso, enquanto um “primado teórico” (COSTA, 2011, p. 75), passa a ser analisado em sua projeção nos textos, ou seja, de sua projeção em eventos reais de linguagem.

No presente trabalho, ao lado das estratégias argumentativas e das representações sociais, analisamos as relações interdiscursivas que emergem no discurso docente, considerando o princípio dialógico da linguagem como fenômeno historicamente situado. Segundo Costa (2011, p. 32), “não se pode ignorar o papel que têm na produção de um texto as contingências sociais às quais o locutor está submetido”. As relações discursivas, neste tocante, não são fechadas em si mesmas e podem ser compreendidas como as relações da enunciação com o interdiscurso.

Tais relações se concretizam quando uma prática discursiva se reporta a outras práticas. Para fins de exemplificação dessas relações em práticas de linguagem contemporâneas, basta que se pense no modo como o discurso jornalístico se reporta a discursos de outras esferas de comunicação (a jurídica, a religiosa, a acadêmica, dentre outras), sempre que preciso. A interdiscursividade pode ser classificada segundo três tipos basicamente, a saber: interdiscursividade intertextual, interdiscursividade em si e interdiscursividade lexical (COSTA, 2011), realizando-se, textualmente, em fenômenos como a referência, a alusão, a captação, a subversão e a lexicalização.

A referência se realiza quando um texto de um domínio específico (jornalístico, por exemplo) remete-se, de alguma maneira a outro texto ou a domínios distintos (o jurídico, por exemplo). A alusão acontece por meio de estratégias lúdicas de remissão, tais como jogo de palavras, disfarces, sem a necessária presença do interdiscurso. Referência e alusão são processos muito semelhantes, diferenciando-se somente pela realização do primeiro, no mais das vezes, por discurso reportado.

Por sua vez, a captação consiste na apropriação, por um discurso, de características estilísticas de outros discursos, tais como tom, atmosfera etc. Já a subversão consiste na apropriação parodística e/ou burlesca de um discurso por outros discursos. Por fim, a lexicalização se realiza pela apropriação, por um discurso, de um léxico que lhe é comumente exterior. Segundo Costa (2011), estes processos evidenciam como os discursos se entrecruzam nas diversas práticas de linguagem.

Segundo Magalhães (2010), ao se tratar da interdiscursividade como um fenômeno característico dos textos contemporâneos, pode-se entender discurso como uma “forma de representação com uma determinada visão de mundo que é posicionada e, portanto, ideológica” (MAGALHÃES, 2010, p. 13). A esse respeito, Fairclough (2008, p. 21) argumenta a favor da ideia de que “os textos são produzidos de formas particulares em contextos sociais específicos” e, por isso, atendem a propósitos ideológicos específicos. Os excertos a seguir, destacados com grifos nossos, exemplificam os diversos tipos de interdiscursividade no *corpus* analisado.

Em seu pronunciamento, a professora Amanda Gurgel constrói um discurso argumentativo, notadamente persuasivo e marcado por um tom de engajamento político. Nesse pronunciamento, a interdiscursividade se realiza pelo estabelecimento de relações entre os discursos de distintas esferas da atividade humana, como quando, em tom de ironia, a docente faz referência a uma espécie de dito popular, alicerçado na ideia de bom senso, ao afirmar que “**os números são irrefutáveis**” (A. G.), evidenciando que um salário de 930 reais é incompatível com a função desempenhada por um professor enquanto profissional que forma cidadãos.

Do mesmo modo, ao evocar a expressão “indumentária”, em “certamente esse salário ele não é suficiente pra pagar nem a **indumentária**, né, que os se-

nhores e as senhoras utilizam pra poder frequentar esta casa aqui” (A. G.), a docente recorre à interdiscursividade lexical (COSTA, 2011), com moderado tom de ironia, para fazer referência à roupa de luxo, de garbo e de elegância, como na Idade Média, com que se apresentam ao trabalho os políticos brasileiros.

É frequente ao longo de todo o pronunciamento de Amanda Gurgel a referência ao discurso político (contra o qual a docente se posiciona veemente), com o objetivo de tecer críticas às estratégias de naturalização da crise na educação presentes no discurso das autoridades governamentais brasileiras. São exemplos de trechos do interdiscurso político, por referência (COSTA, 2011), na fala da docente:

Fora isso, qualquer **colocação** que seja feita aqui, qualquer **consideração** que seja feita aqui, é apenas para **mascarar uma verdade**, que é uma verdade visível a todo mundo, que é o fato de que **em nenhum governo**, em nenhum momento que nós tivemos no nosso Estado, na nossa cidade, no nosso país **a educação foi uma prioridade** (A. G.).

Me preocupa muitíssimo a fala da maioria aqui, inclusive da secretária Betânia Ramalho, com todo o respeito, que é: “**não vamos falar da situação precária porque isso todo mundo já sabe**”. Eu gostaria de pedir aos senhores, inclusive, que se libertem dessa **concepção errônea**, extremamente equivocada (A. G.).

Do mesmo modo, está entrecruzado ao discurso docente de reivindicação por melhores condições do trabalho o discurso histórico do heroísmo, da ideia de salvação da pátria, construído ao longo da história da educação brasileira, como se evidencia pela lexicalização (COSTA, 2011) destacada nos itens do excerto a seguir:

Nós estamos banalizando isso daí? Estamos aceitando a condição precária da educação como uma fatalidade? Estou me colocando dentro da sala de uma aula com **um giz e um**

**quadro pra salvar o Brasil?** É isso? Salas de aulas super lotadas com os alunos entrando a cada momento com uma carteira na cabeça, porque não tem carteiras nas salas. Sou eu **a redentora do país?** Não posso, não tenho condições. Muito menos com o salário que eu recebo! Tá certo? (A. G.).

Do mesmo modo, por alusão, a docente remete-se ao discurso acadêmico-científico por ela tomado como exemplo para reforçar a sua postura de autoridade sobre o assunto, uma vez que ela vivencia, todos os dias, os dramas da educação, o que lhe dá condições de sobre ele discursar com mais autoridade que teóricos e estudiosos da educação brasileira. A esse respeito, o fragmento a seguir mostra-se muito elucidativo:

Então, eu gostaria de pedir aos senhores, inclusive, que se liberem dessa concepção errônea, extremamente equivocada, isso eu digo com **propriedade**, porque sou eu que estou lá, inclusive além, **propriedade maior até do que os grandes estudiosos**. Parem de associar qualidade de educação com professor dentro de sala de aula, parem de associar isso daí. Porque não tem como você ter qualidade em educação com professores três horários em sala de aula, certo? (A. G.).

Por referência (COSTA, 2011), por meio de recursos intertextuais, faz-se remissão ao discurso da classe discente, também afetada pela crise na educação, pois é vítima das inúmeras greves deflagradas pela categoria dos professores e das péssimas condições de ensino a que é submetida, como é possível observar no fragmento a seguir:

Queremos sair desse impasse? Queremos. Mas como? Sem nenhuma proposta, de mãos abanando! Voltar mais uma vez desmoralizado pra sala de aula pro aluno dizer: **“professora, a gente ficou aqui sem ter aula e só isso, cês receberam vinte reais, trinta reais”**. Dão risada (A. G.).

Por fim, queremos destacar o entrecruzar dos discursos de classe: da classe trabalhadora docente em oposição à classe dos políticos e juristas, cujas ações vão de encontro à dignidade dos docentes que se encontram em condições precárias de trabalho, sem direito de garantia a alimentação e transporte, por exemplo, como se pode ver no fragmento a seguir:

Pedimos aos **deputados** apoio. **Estejam mais presentes**, participem ali, vão a nossa assembleia, procurem ouvir esses trabalhadores, procurem saber a realidade, certo? Pedir à **promotoria** que **esteja com a fiscalização efetiva, ao Ministério Público**. Que não seja pra dizer: “**professor não pode comer desse cuscuZ não**”, porque é um cuscuZ alegado o cuscuZ que a gente come, o cuscuZ da merenda. Porque a **promotoria tá ali pra dizer que a merenda é do aluno não é do professor**, certo? É assim que funciona (A. G.).

Os exemplos destacados mostram que as relações interdiscursivas, estabelecidas no pronunciamento, contribuem para legitimar o discurso docente e se constituem também como estratégias de linguagem pelas quais se constrói um discurso argumentativo pelo qual é possível persuadir um auditório a respeito de teses defendidas. Ao entrecruzar o discurso docente aos discursos histórico, político, acadêmico, entre outros, estabelece-se um movimento constitutivamente dialógico pelo qual os sujeitos se posicionam, no discurso, em defesa daquilo em que acreditam.

Por fim, queremos destacar nossa crença de que a constituição de eventos interdiscursivos em textos da mídia jornalística pode ser fator motivador para a construção de representações diversas sobre os objetos e os sujeitos do mundo com propósitos ideológicos que, direta ou indiretamente, contribuem para a reprodução de estereótipos. Com base nessa crença, neste trabalho nos interessa compreender, ainda, como desdobramento do pronunciamento em análise, as representações da professora Amanda Gurgel em amostras de textos da grande mídia, com base na proposta de van Leeuwen (2008) sobre representação de atores sociais, sobre a qual versaremos a seguir.

## **Amanda Gurgel e as representações midiáticas: entre a heroína da causa e celebridade instantânea**

É fato que os modos de comunicação se multiplicaram nos últimos tempos como nunca antes devido, dentre outros motivos, aos avanços da tecnologia da informação e da criação de novos suportes e meios de comunicação dela advindos. Nessa perspectiva, é possível afirmar que o discurso midiático, fruto desse novo modo de se comunicar, caracteriza-se, de modo geral, pela diversidade de formas de acesso que disponibiliza aos seus interlocutores, em uma perspectiva ampla.

Segundo van Dijk (2010, p. 90), “através do acesso à mídia de massa, os grupos dominantes também podem ter acesso e, conseqüentemente, controle parcial sobre o público em geral”, fato que evidencia a necessidade de se discutir, em ciência, os impactos da produção discursiva dos meios digitais de informação no contexto da modernidade. Do mesmo modo, van Leeuwen (2008) destaca que o modo como os atores sociais são representados no discurso por meio de dadas operações linguísticas pode atender a propósitos ideológicos de grupos dominantes no que se refere à reprodução de estereótipos socialmente compartilhados.

Em termos gerais, é possível afirmar que a proposta de investigação de van Leeuwen (2008) consiste na formulação de um inventário sociossemântico dos modos pelos quais os sujeitos são representados nos mais diversos textos em circulação na sociedade, sendo tal inventário pensado em termos analíticos para dar conta não só dos aspectos linguísticos referentes ao objeto investigado em tal modelo, mas também para dar conta da abordagem da natureza social do referido objeto.

Entendendo a língua como sistema de comunicação aberto à vida social (VAN DIJK, 2010), é possível afirmar que as operações pelas quais se representam atores sociais em textos diversos têm reflexos na cultura de cada língua. Para que se entenda tal questão, basta se pensar que, para cada cultura, há processos específicos de construção retórica do enunciado, por exemplo, que se realizam em operações linguísticas, tais como o emprego de metáforas, a apropriação de determinados tipos de argumentos etc., como operações características da argumentação em língua portuguesa.

Deste modo, ao entendermos a educação como uma prática social (ARENDT, 1957), observamos que os textos midiáticos que tematizam essa prática social, notadamente os textos jornalísticos, incluem ou excluem determinados atores sociais para servir a seus propósitos ideológicos, muitas vezes, com intenção manipulativa com relação a seus leitores.

Essas ações de linguagem (exclusão e/ou inclusão de determinados atores sociais), como postulado por van Leeuwen (2008), realizam-se por meio de processos específicos, como nominalizações e adjetivações. Deste modo, as representações podem retratar os atores sociais enfocados em posições sociais apreciativas e/ou depreciativas, revelando posicionamentos assumidos pelos veículos de comunicação.

Do ponto de vista cognitivo, falar de representação significa falar de imagem mental; já do ponto de vista social, falar de representação significa tratar de construção de identidades. E é particularmente esse último aspecto que nos interessa na análise da identidade que se deseja construir, quando determinados atores sociais são representados no texto jornalístico como excluídos ou incluídos (compreendemos as categorias de exclusão/inclusão como macrocategorias de caráter sociológico). Nesse tocante, é importante destacar a ideia de van Leeuwen (2008, p. 82) de que “não é necessário que haja congruência entre o papel que os atores sociais desempenham, de fato, em práticas sociais, e os papéis gramaticais que lhes são atribuídos no discurso”.

Logo após o pronunciamento da professora Amanda Gurgel ser visto por milhares de pessoas, em todo o Brasil, no Youtube, não demorou muito para que veículos de comunicação de todo o país passassem a tratar o caso como um dos mais expressivos depoimentos sobre a educação no Brasil.<sup>8</sup> À época, inúmeras foram as participações da professora em programas televisivos de auditório, programas de entrevistas e telejornais. Expressiva também foi a repercussão do fato na mídia impressa e digital, em *sites* de notícias e redes sociais, o que acabou por impulsionar a emergência de representações da docente no discurso midiático, duas das quais tomaremos como objetos de análise.

---

<sup>8</sup> Veículos de comunicação, como a TV Bandeirantes, a TV Record, a Rede Globo, entre outros, tomaram o depoimento da professora Amanda Gurgel como ponto de pauta para seus telejornais e programas de variedades, chegando a exibir matérias que podem ser acessadas pelo *Youtube*. Algumas destas matérias estão disponíveis em: <http://www.youtube.com/watch?v=GKqRVBvUbbc> e em <http://www.youtube.com/watch?v=C2DR8RZTVWE>

No dia 18 de maio de 2011, o *site* de notícias *Globo.com* publicou matéria intitulada “Professora Amanda Gurgel, do RN, fala sobre situação crítica da educação e vira heroína nas redes sociais”,<sup>9</sup> de autoria do repórter Rodrigo Gomes, destacando a repercussão do depoimento da docente em todo o país. De início, lê-se na matéria:

Rio - A professora do Rio Grande do Norte Amanda Gurgel virou **heroína da causa da classe**, por melhores salários, nas redes sociais. Um vídeo no qual **ela silencia os deputados do RN** em audiência pública quando fala sobre a situação crítica da educação já tem mais de 54 mil visualizações no Youtube. Desde o começo da tarde desta quarta-feira (18) o nome “Amanda Gurgel” já está na lista brasileira dos Trending Topics, no Twitter (Globo.com).

Para van Leeuwen (2008), a representação de atores sociais pode ser entendida, em linhas gerais, como uma distribuição de papéis executada intencionalmente e eivada de significados. No trecho em destaque, por ser a professora Amanda Gurgel uma personagem central no fato narrado, há uma inclusão de referido ator social no plano do discurso, dando a ele posto de destaque no texto.

Por personalização, mais especificamente por nomeação (através do uso de substantivo e outras estruturas nominais e adjetivais), o ator social Amanda Gurgel é representado como a “heroína da causa da classe”, com fins notadamente ideológicos, uma vez que está evidente que o interesse do veículo com tal representação é dar à professora o posto de representante máxima da luta pela causa docente por melhores condições de trabalho com o qual muitos dos leitores da matéria haveriam de concordar, havendo, assim, adesão do público ao ponto de vista defendido pelo jornal.

O texto seleciona em seu conteúdo trechos do pronunciamento da professora Amanda na Assembleia do RN, a fim de reforçar sua postura enquanto

---

<sup>9</sup> <http://oglobo.globo.com/educacao/professora-amanada-gurgel-do-rn-fala-sobre-situacao-critica-da-educacao-vira-heroína-nas-redes-sociais-2789150>

“heroína da causa da classe por melhores salários”. Há, assim, uma representação positiva da docente que é reforçada, pelo jornal, ao longo da matéria, como se observa nos trechos a seguir, em que destacamos expressões adjetivais como valor apreciativo que denotam a posição assumida pelo site *Globo.com* a respeito do pronunciamento proferido na Assembleia:

Em seu depoimento, Amanda Gurgel acaba fazendo um **resumo preciso sobre o quadro da educação no Brasil** apresentando seu contracheque de R\$ 930 reais. “Como as pessoas até agora, inclusive a secretária Bethania Ramalho, apresentaram números, e números são irrefutáveis, eu também vou fazê-lo. Apresento um número de três algarismos apenas, que é o do meu salário, de R\$ 930” (*Globo.com*).

Por outro lado, o site *G1.com*, também das Organizações Globo, em uma matéria consideravelmente extensa, constrói, em seu discurso, uma representação distinta da veiculada pelo site *Globo.com* sobre o mesmo ator social. Em matéria publicada no dia 19 de maio de 2011, retrata-se o fato sobre um prisma um tanto diferente. O texto intitula-se “Discurso de professora vira hit na web e ganha apoio de secretária do RN”,<sup>10</sup> o que, logo de início, evidencia o caráter “espetaculoso” que se desejou dar ao fato por esse site de notícias. No início do texto se lê:

Amanda Gurgel, professora de português da rede pública do Rio Grande do Norte, virou nos últimos dias uma **“celebridade” na internet depois que o vídeo com seu discurso** na Assembleia Legislativa daquele estado, feito em audiência pública na semana passada, **foi postado na rede**. No seu pronunciamento, Amanda resume a situação da vida de um professor de escola pública em três algarismos: nove, três, zero (*G1.com*).

---

<sup>10</sup> <http://g1.globo.com/educacao/noticia/2011/05/discurso-de-professora-vira-hit-na-web-e-ganha-apoio-de-secretaria-do-rn.html>

Com base na representação de Amanda Gurgel como uma “celebridade”, todo o foco da matéria é destoado do tom social e político que a retratação do fato exigiria, a fim de que se dê ênfase ao aspecto novidadeiro da repercussão do depoimento na internet como um *hit*, visto por milhares de pessoas, como se vê no trecho a seguir:

**O vídeo se multiplicou na web e o nome de Amanda Gurgel surgiu entre os mais citados do Twitter.** Em quatro dias, o vídeo já teve mais de **200 mil exibições**. A **repercussão** surpreendeu a professora. Em entrevista ao programa “RN TV”, da InterTV, afiliada da Rede Globo, Amanda disse que falou apenas o que vive diariamente em seu trabalho (G1.com).

Do mesmo modo como na matéria do *G1.com*, é pelo processo de personalização por nomeação (VAN LEEUWEN, 2008) que o texto constrói e reforça a todo instante a representação de “celebridade” que se deseja para Amanda Gurgel, representação essa inclusive combatida pela professora em muitas de suas falas em entrevistas a telejornais locais e nacionais, após a publicação dessas matérias.

Nesse contexto, na medida em que entendemos a mídia e seus veículos de comunicação como poderosos meios de reprodução ideológica (THOMPSON, 2009), constatamos que representar determinados atores de uma maneira ou de outra pode, de modo indiscriminado, deturpar a realidade expressa, favorecendo o fortalecimento de uma mídia manipulativa, uma tendência dos tempos modernos.

Desse modo, acreditamos que a análise crítica desses eventos discursivos pode promover a mudança social, no sentido de contribuir para que descortinem atos de linguagem embasados em relações assimétricas de poder. Somente através das análises textual, discursiva e social integradas acreditamos ser possível aos estudos da linguagem contribuir, de modo mais evidente, para que cada vez menos se reproduzam, nos dias atuais, formas assimétricas de poder.

## Conclusão

O arcabouço teórico-metodológico da ADC, fundamentado no modelo tridimensional de análise (textual, discursiva e social) proposto por Fairclough (2008), possibilitou-nos, com a ADTO, integrar procedimentos que, em conjunto, revelam o modo como um evento de linguagem cotidiano, a exemplo do discurso proferido pela professora Amanda Gurgel na Assembleia Legislativa potiguar, constitui-se em termos de estratégias argumentativas e relações interdiscursivas para a defesa de uma tese.

As opções metodológicas às quais nos filiamos têm como objetivo dar conta da análise do discurso em orientação linguístico-textual e em diálogo com as questões sociais emergentes no contexto da “modernidade tardia” (MAGALHÃES, 2010), tomando o discurso como um dos momentos da prática social, constituindo-se como material de análise, em uma perspectiva crítica e questionadora, para a compreensão dos fatos sociais contemporâneos.

Destacamos que os resultados das análises apontam, com relação às categorias elencadas, que as técnicas argumentativas devem ser entendidas pelo analista do discurso como técnicas de persuasão com as quais os sujeitos se posicionam criticamente com relação ao mundo que os cerca e que muito dizem dos posicionamentos assumidos por estes sujeitos. Na mesma direção, podemos afirmar que as relações interdiscursivas são uma forma de legitimação do discurso proferido. Por fim, destacamos que a reprodução de determinadas representações pela mídia acaba por contribuir para a manutenção de relações assimétricas de poder no e pelo discurso.

Finalizamos, desse modo, nossas palavras, relevando o papel do pesquisador em Ciências Sociais, ou seja, o pesquisador em Ciências da Sociedade, como o é o analista crítico do discurso que desempenha, nos dias de hoje, a função de oferecer à sociedade possíveis respostas a muitos dos seus questionamentos em torno às formas sociais de interação pelas quais se constroem e/ou se contestam estereótipos, representações, ou sejam, pelas quais se constroem e/ou se contestam desigualdades sociais, cada vez mais presentes na vida de todos os sujeitos.

## Referências

- ARENDT, H. *A crise na educação*. Nova Iorque: Viking Press, 1957.
- BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Hucitec, 1993.
- BOURDIEU, P. *O poder simbólico*. 11ª ed. Trad. de Fernando Tomaz. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.
- COSTA, N. B. *Música popular, linguagem e sociedade*. Curitiba: Appris, 2011.
- FAIRCLOUGH, N. *Discurso e mudança social*. 2ª ed. Coord., trad., revisão e prefácio à edição brasileira de I. Magalhães. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2008.
- MAGALHÃES, M. I. S. *Discursos e identidades: exotismo e domínio violento*. Cadernos e Linguagem e Sociedade, 11 (1), 2010.
- MENEZES, L. C. *Expressões linguísticas modalizadoras deônticas em função argumentativa: um exercício de análise retórico funcional*. 2011. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Linguística - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2011.
- MOSCA, L. L. S. *A atualidade da retórica e seus estudos: encontros e desencontros*. Retórica. Atas do I Congresso Virtual do Departamento de Literaturas Românicas, 2005. Acesso em: 12/06/2014. Disponível em: [www.fflch.usp.br](http://www.fflch.usp.br)
- PERELMAN, C.; OLBRECHTS-TYTECA, L. *Tratado da Argumentação: a nova retórica*. Tradução de Maria Ermantina Galvão Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- THOMPSON, J. B. *Ideologia e cultura moderna*. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2009.
- VAN DIJK, T. *Discurso e poder*. HOFFNAGEL, J.; FALCONE, K. (orgs.) São Paulo: Contexto, 2010.
- VAN LEEUWEN, T. *Discourse and practice*. New tools for critical discourse analysis. Nova Iorque: Oxford University Press, 2008.

## **TEACHER'S DISCOURSE AND PROBLEMATIZATION OF TEACHER PRACTICE: ARGUMENTATION, INTERDISCURSO AND REPRESENTATION**

### ABSTRACT

This work analyzes the teacher's discourse and the problematization of the teaching practice in its moments of crisis in the history of Brazil, more specifically in the Brazilian Northeast, from the theoretical-methodological framework of Critical Discourse Analysis (hereinafter ADC), with based on the assumptions of Fairclough (2008).

KEYWORDS: speech; teaching practice; argumentation.